

FILHOS
seu melhor
INVESTIMENT 

CAP. DE DEMONSTRA

CAP. DE AMOSTRA

Dedico este livro aos meus filhos, Júlia e Gustavo. Depois que chegaram em minha vida, percebi que o amor não pode ser medido em palavras. Ele é tão intenso que só um olhar profundo, um sorriso aberto e um abraço apertado podem expressá-lo. E ao meu primeiro amor, Jurandir, parceiro de todas as horas!

CAP. DE AMOR. COSTRA

CAP. DE AMOSTRA

É um momento especial quando eu sento para escrever esses agradecimentos, lá fora o sol está se pondo e as cores são tão vivas e luminosas que me provocam boas emoções. É nesse clima que gostaria de agradecer:

Aos meus pais, Luiza e Telmo, pela presença, pela educação que me deram e por todas as oportunidades e incentivos de estudos que me proporcionaram.

Ao Jurandir, um dos pioneiros em Educação Financeira no Brasil, tendo criado a primeira disciplina formal de Finanças Pessoais em cursos de nível superior. A ele que tem um extenso currículo na área de Finanças Comportamentais, área na fronteira entre Finanças e Psicologia, que é referência para novos pesquisadores. A ele que em suas palestras e cursos me emociona com sua competência e paixão pela educação financeira e cria uma legião de admiradores. A ele, meu grande mestre na educação financeira, pai dos meus filhos, parceiro de pedalada e vida, agradeço imensamente.

Aos meus filhos, Júlia e Gustavo, que compartilharam suas histórias e enriquecem o conteúdo deste livro. A eles que a cada dia nos tornamos mais parceiros em virtude de nossas relações pautadas em afeto, respeito, sinceridade e confiança. A eles que me enchem de orgulho pelos adultos que se tornaram e pelos caminhos que vêm trilhando. Com eles

aprendo a interpretar e me adaptar ao mundo de hoje. Como não amar profundamente esses dois? Queridos filhos, muito obrigada!

Ao Marcos, genro querido, agradeço por ter se integrado tão bem em nossa família e fazer minha filha feliz. Você também faz parte dessa história.

Ao amigo Ercy Soar, pela disponibilidade e pelas sugestões pertinentes no original do livro.

Aos meus alunos, agradeço o frutífero e afetuoso convívio durante alguns anos de nossas vidas.

À Editora Alta Books e, em especial, a J.A. Rugeri, *Editor, Curator & Content Strategist*, pelo convite para escrever este livro.

E, por fim, às pessoas que compartilharam suas experiências valorizando as ideias deste livro.

Sumário

INTRODUÇÃO

Dois universos diferentes	xiii
---------------------------	------

Capítulo 1

O encontro dos dois universos	1
No universo dos estudos e do trabalho, longa caminhada	4
No universo da educação financeira, semeando seguidores	9
Em qual universo estou vivendo?	12

Capítulo 2

As famílias de ontem e de hoje	15
Novas formas de união	19
Formando um time	22
O time vencedor	23
Incluindo jogadores	25
Estamos no mesmo time, lembre!	27
Equilíbrio financeiro	30

x Filhos, seu melhor investimento

Capítulo 3

Não basta amar, educar é fundamental	35
Filho mimado apanha da sociedade	38
O consumidor e o consumista	40
Conhecendo as estratégias do filho	45
A reeducação da família	47
A construção da liberdade financeira	50
Tempo e dinheiro	53

Capítulo 4

Pais, filhos e dinheiro	55
Aprendendo com os pais	58
Onde os pais estão errando?	60
Mais presença, menos presentes	62
Herança, assunto controverso	64

Capítulo 5

Dos zero aos 18: um guia de educação financeira para cada etapa de desenvolvimento do seu filho	69
0 a 2 anos	69
2 a 4 anos	71
4 a 6 anos	75
6 a 12 anos	78
12 a 15 anos	81
15 a 18 anos	86
A partir dos 18 anos	90

Capítulo 6

Investir nos filhos é indispensável	95
Compartilhando com os filhos	99
O dinheiro é um meio, use de forma consciente	101
A principal lição	104

Capítulo 7

Os filhos crescem e formam novas famílias	105
As finanças no casamento	106
Na forma da lei	106
Regime de casamento	107
Antes do casamento	109
Casamento e independência financeira	110

Capítulo 8

Na prática	115
Depoimento dos meus filhos	116
Minha vez de fazer um depoimento	127

Índice

CAP. DE AMOSTRA



INTRODUÇÃO

Dois universos diferentes

Nasci em uma família rica e sempre acreditei que dinheiro caía do céu, ou melhor, que crescia no pasto. Era dessa maneira que eu percebia a realidade, porque sempre que meu pai queria dinheiro, vendia bois que pareciam se multiplicar facilmente nos férteis campos de colônia do norte do Paraná.

No verão de 1978, conheci um surfista que acreditava que dinheiro nascia em árvores. Éramos um casal perfeito para um verão, mas para a “vida toda” parecia a receita de um desastre financeiro. Isso porque nós tínhamos realidades sociais muito diferentes. Ele dava valor para cada centavo e sabia como era difícil pagar as contas, enquanto eu tinha pouca preocupação com o uso do dinheiro.

As férias acabaram e, com o tempo, descobri que existia uma enorme diferença entre o dinheiro que cai do céu e aquele que nasce em árvores. O dinheiro que nasce em árvores requer esforço. É preciso ter a semente, plantar, cuidar e esperar muito tempo pelos frutos.

Ao contrário da imagem de “boa vida” que aquele surfista demonstrava inicialmente, ele tinha enorme responsabilidade de chefe de família. Como ele perdeu o pai muito jovem, dividia com a mãe a responsabilidade de cuidar das finanças da casa e dos dois irmãos mais novos. Éramos duas pessoas bastante diferentes, mas com fortes vínculos afetivos.

Achei muito estranho quando ele me disse que, se quisesse casar, eu teria que trabalhar fora de casa. Isso me parecia um absurdo, já que as mulheres da minha família nunca tinham trabalhado fora de casa.

Em 1986 terminei os meus estudos da graduação e, entre vários candidatos do Brasil, fui uma das 16 escolhidas pela Embaixada da França para aperfeiçoar a didática e a pedagogia do ensino da língua francesa. O meu estágio didático-pedagógico na Université Franche-Comté, em Besançon na França, foi muito importante não só para aprofundar os meus conhecimentos linguísticos e culturais, mas também para eu entender o que queria para minha vida profissional.

Em dezembro de 1987 nos casamos com separação total de bens. Aliás, nos casamos no dia 19 de dezembro e três dias

após, com 23 anos de idade, prestei um concurso e passei para trabalhar na Universidade Federal de Santa Catarina — UFSC — como professora do Colégio de Aplicação, onde comecei a receber o meu próprio dinheiro. Só então percebi que teria de trabalhar muito para não cumprir o ditado popular “pais ricos, filhos nobres e netos pobres”. E, finalmente, comecei a perceber que os bois do meu pai não cresciam saudáveis espontaneamente, mas que eram fruto de muito cuidado e trabalho dele.

Para ter dinheiro é preciso trabalhar duro, ter dedicação, força de vontade, competência e, principalmente, gastar um pouco menos do que se ganha. Tudo que para mim era novidade, já fazia parte da vida de meu companheiro há muito tempo.

Depois do casamento nossas vidas financeiras passaram a ser como o encontro das águas de cores diferentes dos rios Negro e Solimões. Tocavam-se, mas não se misturavam.

Jurandir, meu esposo, era empresário e eu funcionária pública, ele tinha uma indústria de reciclagem de plástico e eu era professora de francês do Colégio de Aplicação. Cada um cuidava das suas contas e na minha cabeça o pró-labore dele chegava todos os meses, hoje já sei que não era bem assim. A fábrica funcionava 24 horas por dia e ele trabalhava muito, saía de casa cedo para pegar a saída do turno da noite e chegava em casa por volta das nove horas da noite. Todas as noites eu o esperava com uma cerveja gelada e uma janta

caprichada no nosso minúsculo e agradável apartamento de um quarto e sala. Assim, o meu tempo sobrava, ia para academia, aula de francês na Aliança Francesa e salão de beleza, afinal eu sempre gostei de estudar e queria estar bem. A nossa vida de casal era boa e divertida.

No final de 1989, o Jurandir resolveu vender a fábrica. E, em março de 1990, recebeu um convite para trabalhar na Odebrecht, em São Paulo. Foi um baque para mim, eu não queria morar lá de forma alguma porque há dois anos já tinha um trabalho estável que adorava.

Depois de muitas discussões e conversas, o Jurandir foi para Odebrecht e tratamos que nos veríamos nos finais de semana, ele vindo e eu indo por um ano, e depois resolveríamos o que fazer. Mas o sonho dele de trabalhar em São Paulo durou quatro dias. O Plano Collor chegou, ele foi despedido e voltou para Florianópolis. Imagina a situação... ele que tinha começado a trabalhar aos 14 anos estava desempregado, com o dinheiro da venda da fábrica bloqueado, e sem perspectivas diante de uma das maiores recessões que o Brasil já vivera.

Porém, ele por orgulho e eu por falta de percepção, mantivemos as nossas vidas como se tudo estivesse normal. Enquanto eu me dividia entre trabalho e atividades, ele vivia numa constante busca por emprego.

Após um ano de desemprego, meu esposo conseguiu uma vaga no mestrado em Engenharia de Produção da Universidade Federal de Santa Catarina — UFSC. Para mim, tudo parecia estar resolvido. Muitas vezes ele ia para a universidade de ônibus, deixando o carro estacionado na garagem. E eu, apesar de estranhar, só ficava imaginando “será que é melhor andar de ônibus do que de carro?”, “quem sabe ele aproveita o tempo para ir lendo os artigos científicos”. Grande ingenuidade a minha! O problema era simples, ele tinha passado no mestrado, mas não tinha bolsa de estudos. Gasolina e manutenção do carro custavam caro. E tudo isso aconteceu porque nós simplesmente não falávamos sobre dinheiro.

Em 1992, o Jurandir começou a desbloquear o dinheiro da venda da fábrica e resolveu comprar uma fazenda para plantar Pinus. Ainda era tempo de grandes dificuldades para ele. No retorno de uma das primeiras viagens da fazenda eu lhe esperei com uma surpresa, um sapatinho branco e o exame de gravidez em cima da nossa cama. Na mesma hora, ainda tomado por uma expressão de pavor e animação ele recebeu um telefonema.

Era uma grande notícia, ele fora aprovado no concurso para professor do Departamento de Economia da UFSC. Agora sim tudo parecia melhorar.

Grávida, passei para o mestrado no programa de pós-graduação em Linguística da Universidade Federal de Santa Catarina — UFSC. Naquela época, não havia no colégio uma

política de apoio à capacitação, eu fui uma das primeiras a fazer mestrado, mas havia dois professores de francês, o que tornou menos complicado eu me afastar parcialmente das minhas atividades regulares.

Em 1993 chegou a Júlia que nos transformou de casal em família. Ela foi o nosso primeiro grande projeto em comum, queríamos dar a ela a melhor educação que pudéssemos. Eu entendia a educação como um instrumento de vida em sociedade e ele como uma mola mestra do sucesso financeiro. Os fins pareciam diferentes, mas tínhamos claro que o dinheiro era um dos meios para alcançar o objetivo comum. Assim, as águas dos rios tiveram que se misturar.

Talvez essa mistura tenha sido facilitada pelo grande sucesso profissional que o Jurandir passou a ter. Além das aulas na UFSC, criou um curso de Mercado de Capitais para gerentes de banco e viajava quase todas as semanas para dar aulas por todo o Brasil. A carreira dele decolou e, finalmente, ele ganhava mais do que eu.

Existia e ainda existe uma questão cultural de não falar sobre dinheiro, principalmente quando o homem ganha menos do que a mulher. Hoje, sabemos como isso é errado, falar de dinheiro é fundamental para a vida de um casal.

Com as finanças em comum, passamos a nos dedicar muito à educação da Júlia. Pensávamos que com o nosso ensino poderíamos moldar a personalidade daquela pequena menininha.

Em 1996, passei para o doutorado em Linguística na mesma UFSC, logo a seguir, e um tanto assustada, descobri que estava novamente grávida. Em março do ano seguinte nasceu o Gustavo, um menino diferente da Júlia quando bebê. Percebemos que cada um deles tem um jeito de ser, de agir e de sentir. Enquanto um é mais determinado, o outro é mais tranquilo; um é mais sério, o outro mais brincalhão; um é mais bravo, o outro mais calmo.

Descobrimos que o que motivava um, desestimulava o outro, um se alimentava do desafio, o outro do apoio. Passamos a entender que nosso papel não era o do ourives que molda o ouro, mas o do joalheiro que lapida o diamante.

Para nós, educar bem passou a significar permitir que cada um deles mostrasse à sua maneira sua melhor face.

Depois de todas as dificuldades que tínhamos atravessado no começo de nossa vida como casal por não falarmos sobre dinheiro, esse passou a ser motivo de conversas francas entre nós e nossos filhos. Mesmo viajando muito, o Jurandir era presente. Eventualmente, chegava muito cansado aos sábados, mas sempre contava empolgado os seus sucessos profissionais.

Sempre procuramos mostrar que o trabalho não é apenas fonte de dinheiro, mas também é fonte de prazer e alegrias. Afinal de contas, se os pais contam para os filhos apenas os

problemas dos seus trabalhos, como esperar que eles queiram trabalhar algum dia?

Em 1996, o Jurandir começou a participar da estruturação do Instituto Brasileiro de Certificação de Profissionais Financeiros, o IBCPF, o atual Planejar. Para divulgar o novo instituto, nós criamos uma palestra sobre educação financeira.

A época da hiperinflação fez com que os brasileiros deixassem de lado o controle financeiro porque o dinheiro “derreteria” em nossas mãos e, por isso, o importante era gastar o quanto antes. Com o Plano Real, o Brasil domou a hiperinflação e nos possibilitou planejar a vida financeira. Entretanto, o conhecimento de como controlar as finanças tinha desaparecido da vida das famílias, e alguém precisava resgatá-lo. Felizmente, o Jurandir, e, por conseguinte, eu que estava ao lado dele, vivemos esse movimento desde seus primórdios.

Estávamos vivendo em nossa família um período de prosperidade financeira e a educação continuava sendo para nós a primeira necessidade. Contudo, sempre tentamos evitar que nossos filhos crescessem com a visão de que o dinheiro caía do céu. Apesar de estarmos mais confortáveis financeiramente, em casa, mantínhamos a austeridade financeira.

Na nossa casa, educação sempre esteve a frente de qualquer necessidade, nunca encaramos mensalidade escolar, livros, viagens, aulas de línguas, música, artes e esportes como

custo, e sim como um investimento. Mais do que o dinheiro necessário, o nosso compromisso era, e continua sendo, o de acompanhar e valorizar a aprendizagem deles.

Em 1999, o Jurandir começou a fazer o seu doutorado e em 2000 recebi um convite para ser pesquisadora visitante na Universidade de Montreal. Um tanto contrariado, ele resolveu me acompanhar.

Embarcamos com a Júlia com sete anos e o Gustavo com três anos e meio para uma terra estranha coberta de neve. Ali nossa família ganhou força. O fato de não termos família ou amigos por perto foi o que nos uniu.

Em Montreal, voltamos a morar em um minúsculo e agradável apartamento de um quarto e sala. A vista da cidade era linda da nossa pequena janela, víamos prédios modernos e iluminados de um lado e, do outro, o gigantesco e tranquilo parque de Monte Royal, que virou o nosso quintal. Lá as crianças brincavam, nós fazíamos piqueniques, sentávamos-nos na grama para conversar, caminhávamos em trilhas e, no inverno, as crianças andavam com os trenós e patinavam nas pistas de gelo.

Em casa, o time estava sendo formado, todos ajudavam com os serviços que podiam. A Júlia gostava de limpar o banheiro para deitar na banheira seca e ler, já que era o único cômodo que ela poderia acender as luzes antes de a família acordar. Já o Gustavo gostava de passar o aspirador de pó.

Tirando a mesa ou lavando louças, cada dia um escolhia o que fazer.

No entanto, a nossa chegada não foi tranquila para todos. Eu fui muito bem recebida e respeitada no laboratório na Université de Montréal, UMONT. Tinha minha própria sala, participava das reuniões e de todas as atividades do laboratório, inclusive, logo no início também comecei a participar dos encontros sociais com os colegas do laboratório. Em Montreal, enquanto eu ficava boa parte do dia fora, o Jurandir passou a cuidar mais da casa e das crianças. Quem esperava o típico ônibus amarelo para levar ou trazer as crianças da escola era ele. Muitas vezes eu chegava em casa e o jantar já estava pronto com a cerveja gelada. A presença do Jurandir em casa é um dos importantes motivos pelos quais os nossos laços afetivos se apertaram, porque é difícil manter uma família saudável se, pelo menos, um dos pais não está mais presente, oferecendo carinho, apoio e limites. E, também, demonstrando interesse pela vida escolar dos filhos. Eventualmente, as posições do pai ou da mãe mais presente na educação e nos cuidados dos filhos são invertidas dependendo da dinâmica da família, o que percebi ser muito bom para a formação dos nossos filhos.

Júlia logo estava matriculada em uma escola perto de casa, fez a adaptação para conhecer a língua e, em um mês já falava francês o suficiente para ser transferida para uma sala normal. Demoramos a encontrar uma creche para o Gustavo, mesmo sendo particular, e cortava-me o coração quando

ele ficava em casa com o Jurandir e dizia que as escolinhas não o queriam como aluno. Até que um dia, achamos uma e quando ele fez quatro anos foi estudar na mesma escola que a Júlia, naquela altura ele já se virava em francês e foi estudar em uma sala normal. A escola que estudavam era ótima, com professores capacitados, mas havia diferenças culturais. Lá as crianças são criadas para serem independentes, vestem-se sozinhas, no inverno botas, casacos, cachecóis e luvas são necessários, esquentar a própria comida também. Assim, em casa ou na escola eles tinham de se virar. O Canadá foi uma bela oportunidade de amadurecimento para todos nós.

No último dia, sentados em volta da mesa perguntamos uns aos outros se tínhamos sido felizes. E todos responderam que sim. Nós chamamos a atenção para a vida simples que levávamos, com poucas coisas, poucos brinquedos, sem carro, poucos amigos e com dinheiro contado. E nós falamos para eles que nunca deveriam ter medo de correr riscos, ou de buscar seus sonhos.

O Jurandir encontrou alguma dificuldade para se colocar na universidade, porém, dessa dificuldade acabou conhecendo uma área quase desconhecida naquela época, as Finanças Comportamentais. Além disso, conheceu um professor na John Molson School of Business que ministrava uma disciplina de Personal Finance.

Como sempre tivemos uma forte conexão acadêmica, comecei a conhecer e estudar essas novas áreas muito antes de elas se tornarem conhecidas.

Ao retornar ao Brasil, o Jurandir foi convidado para ser palestrante de um evento novo chamado Expo Money que acabou sendo, durante 13 anos, o maior evento de educação financeira do Brasil.

Claro que eu passei a acompanhá-lo e lá dei minha primeira palestra sobre educação de filhos que acabou gerando meu primeiro livro de educação financeira: *Filhos: seu melhor investimento*. Enquanto eu escrevia o último livro da coleção Expo Money, o Jurandir escreveu o primeiro *A árvore do dinheiro*. Esse é um importante livro para quem quer aprender a ter independência financeira.

O meu interesse e gosto pelos estudos nos levaram para um pós-doutorado na Bélgica, na Université Libre de Bruxelles, ULB. Mais uma vez levamos a família para morar um ano fora do país, em 2009.

Dessa vez, eu e Jurandir fizemos um pós-doutorado em Psicologia Cognitiva, pesquisamos sobre as percepções subliminares do dinheiro, mais especificamente sobre as representações mentais relativas ao dinheiro e à felicidade. E, por falar em felicidades, em Bruxelas passamos muitos bons momentos em um pequeno apartamento, fazendo comida, tomando vinho, e jogando Banco Imobiliário, outros jogos de tabuleiro, Uno ou baralho com os nossos filhos. As nossas noites eram bem divertidas em volta de uma mesa.

A nossa chegada em Bruxelas foi mais tranquila porque tivemos um grande apoio dos nossos orientadores Régine

Kolinsky e José Moraes, que se mostraram grandes amigos e facilitaram muito as nossas vidas. Desde o aluguel do apartamento até encontrar uma escola para nossos filhos, bem como para compartilhar boa conversa em incríveis bares e restaurantes da cidade. Já tínhamos aprendido um pouco na nossa primeira experiência e nessa não estávamos apertados financeiramente como em Montreal. Júlia e Gustavo eram mais independentes, ela com 16 e ele com 12 anos, e nos cuidados da casa já sabiam como ajudar, cada um tinha as suas tarefas.

Sem demora estavam integrados à escola e com amigos. Em Bruxelas, a Júlia começou a sair à noite com seus amigos. Eu sempre sabia aonde ela ia, e tinha horário para voltar para casa. Muitas vezes, nós a levamos já que tínhamos um modesto carro. Mas, em outras, ia de ônibus ou metrô. Durante o dia, depois das aulas, o Gustavo também costumava encontrar amigos para um lanche ou para conversar. Lá, a nossa sensação de segurança era grande. Perto de casa tinha um lindo e enorme parque, o “Bois de la Cambre”, onde costumávamos passear, correr, jogar badminton, jogar cartas ou fazer piquenique. O clima era sossegado e era comum ver pessoas deitadas em toalhas lendo ou pegando sol. A natureza sempre nos chamou para perto tanto para nos aproximar uns dos outros, apertar laços familiares, como para nos motivar a fazer atividades físicas.

Digo brincando que Bruxelas proporcionou ao Jurandir e a mim a prova de fogo como casal, fazíamos tudo juntos em

casa, na universidade e nas nossas folgas com os nossos filhos. Pensei até que um enjoaria do outro, mas não foi o que aconteceu. Nós aprendemos a respeitar os limites de cada um e nos tornamos mais companheiros.

Voltamos da Bélgica com sentimentos de alegria e satisfação. Lá tínhamos tempo, tempo para conversar sobre rotina, estudos, problemas, conquistas e sonhos. Esse tempo bem vivido ajudou a amadurecer nossa vida de família.

Hoje percebemos que nossas divergências sobre o que era educação, na verdade, não existiam, pois nossas opiniões são complementares. Sempre procuramos apoiar nossos filhos. Entendemos que isso significa instigar cada um a buscar o melhor de si por sua conta e risco, mas sempre sabendo que em caso de derrota no bom combate estaríamos com a mão estendida para ajudá-los a se levantar e seguir em frente. Sempre buscamos transmitir que o medo de arriscar é a porta do fracasso.

Depois de 33 anos nessa luta, acho que tivemos muitos tropeços e alguns sucessos.

Hoje posso confessar que me sentia um tanto angustiada de falar em educação financeira de filhos, pois os meus ainda eram dois adolescentes e não sabia se tudo que acreditávamos ser uma boa educação resultaria em sucesso profissional e pessoal.

Ao escrever este livro, já tenho muito mais tranquilidade, Júlia com 27 anos, se formou em Administração de Empresas e se tornou uma empresária de sucesso no ramo em que ela sempre amou, a panificação. Depois de um ano de ter aberto a padaria Pão à Mão, casou-se com Marcos que também é empresário de uma startup na área da saúde. Gustavo tem 24 anos, se formou em Administração de Empresas e fundou uma Fintech de crédito.

A Júlia tem hoje uma empresa consolidada e certamente é a melhor padaria de Florianópolis. Gustavo e Marcos estão ainda caminhando em busca do sucesso. Em nossa casa, as mulheres abriram o caminho do sucesso profissional e pessoal. Há muito tempo o Jurandir se tornou um homem de sucesso e não tenho dúvidas de que o Gustavo e o Marcos também terão sucesso nas suas escolhas profissionais, porque sucessos não acontecem por acaso. Ambos têm planejamento, objetivos claros e metas a serem atingidas.

Escrevo este livro para ajudar outros pais no árduo e prazeroso caminho de educar os filhos. Espero que ele sirva como um guia de viagem, no qual a minha experiência auxilie no sentido de evitar algumas armadilhas pelo caminho e para indicar algumas coisas que deram certo. Mas tendo consciência de que sua viagem será muito diferente, pois não existem duas famílias iguais.